

MAÍSA VELOSO

## Concepção de ideias em workshops de arquitetura e urbanismo: uma análise de duas experiências internacionais

*Conception of ideas in architecture and urbanism workshops: an analysis of two international experiences*

**Maísa Veloso** é arquiteta, doutora e professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

E-mail: [maisaveloso@gmail.com](mailto:maisaveloso@gmail.com)

### Resumo

O texto apresenta reflexões sobre duas experiências internacionais de workshops de arquitetura e urbanismo, procurando identificar seus potenciais e limites para o aprendizado do projeto ou, mais precisamente, para a concepção de ideias de futuros projetos. Tratam-se do EQUINOX – Atelier Internacional de Criação Urbana, realizado em São Luís, Maranhão (outubro, 2012), e o Workshop International d’architecture, urbanisme et paysage: Mer, Port, Ville – L’Estaque: un territoire habité, realizado em Marselha, em julho de 2013, dos quais participamos diretamente, no primeiro caso, como um dos professores/orientadores pedagógicos, e como observadora crítica externa no segundo. Estes workshops, com abordagens e métodos de trabalho distintos, têm em comum os objetivos essencialmente pedagógicos – são realizados com apoio formal de instituições de ensino e envolvem notadamente alunos de graduação e professores –, mas também propõem a participação de representantes do meio profissional (arquitetos, paisagistas, engenheiros) e social (comunidades envolvidas). Assemelham-se também pelo seu caráter intensivo (duas semanas seguidas de trabalhos em dois ou três turnos diários) e multicultural/nacional (participação de escolas de ao menos três países distintos). A participação nos dois eventos está associada aos nossos projetos de produtividade em pesquisa junto ao CNPq e de pós-doutorado financiado pela CAPES, no caso recente de Marselha. Neles, procuramos identificar e analisar os objetos, objetivos e métodos empregados nas oficinas de projeto, as relações entre os atores, os potenciais para o desenvolvimento da concepção arquitetônica e urbana e a qualidade dos processos e produtos. Neste artigo, através de análise qualitativa dos materiais coletados por meio de entrevistas e observações in loco, focaremos a questão da concepção de ideias por parte dos alunos e o nível de participação dos atores envolvidos na tomada de decisões. Observa-se que no EQUINOX 2012 a ênfase dada foi à criação de ideias abstratas, para depois se alcançar progressivamente a materialidade da proposta urbana, enquanto que o WS Estaque 2013 seguiu o caminho oposto, partindo da materialidade concreta e particular da área de intervenção. Se no EQUINOX 2012 foram as escalas semântica (conceito abstrato) e formal simbólica (analogias formais relacionadas aos conceitos) as que mais intervieram no processo de concepção, no WS Estaque/Marseille dominaram claramente as escalas técnica (materialidade construtiva) e funcional (usos e funções urbanas), com pouca ênfase nos conceitos e nas referências indiretas por meio de recursos analógicos. Estas últimas, se existiram, deveriam ser buscadas sobretudo nos próprios sítios. Conclui-se que, apesar das diferenças metodológicas e dos produtos gerados, ambas as experiências foram enriquecedoras para o aprendizado dos alunos, notadamente quanto ao desenvolvimento de sensibilidades, do raciocínio analítico e do senso crítico das realidades trabalhadas, sendo no caso brasileiro maior a autonomia dos alunos para a criação de novas ideias.

**Palavras-chave:** Concepção. Participação. Qualidade do projeto. Workshop.

### Abstract

*This paper presents reflections on two international workshops experiences of architecture and urbanism, identifying their potential and limitations for learning design or more precisely to design ideas for future projects. These are the EQUINOX – International Atelier of Urban Creativity, held in São Luís, Maranhão (October, 2012), and the International Workshop of Architecture, Urbanisme et Paysage: Mer, Port, Ville – L’Estaque: un territoire habité, held in Marseille, in July 2013, in which we participate directly as a teacher / mentor (in the first case), and as an external observer (in the second case). These workshops, with distinct approaches and working methods, have in common the pedagogical goals – they are performed with formal support of educational institutions and involve notably undergraduates and teachers –, but also propose the participation of representatives of the professional (architects, landscape architects, engineers) and social (communities involved) environments. They resemble also for its intensive character (two weeks followed by work on two or three shifts a day) and multicultural / national (participation of schools from at least three different countries). Our participation in both events are associated with our projects research of productivity with CNPq and postdoctoral funded by CAPES, in the recent case of Marseille. We seek to identify and analyze the objects, aims and methods employed in the project workshops, the relationships between the actors, the potential for the development of architectural and urban design and the quality of processes and products. In this article, through qualitative analysis of materials collected through interviews and site observations, we will focus on the issue of design ideas from the students and the level of participation of stakeholders in decision-making. It is observed that the EQUINOX 2012 the emphasis was on the creation of abstract ideas, then achieving progressively the materiality of urban proposal, while WS Estaque 2013 followed the opposite path, from the concrete materiality and particular area of focus. If in the EQUINOX 2012 the semantic (abstract concept) and formal symbolic (formal analogies related to concepts) scales were those most involved in the design conception process, in the WS Estaque / Marseille dominated clearly the scales techniques (constructive materiality) and functional (and uses urban functions), with little emphasis on the concepts and references via analogical features. These latter, if they existed, should be sought primarily in their own sites. We conclude that, despite methodological differences and products generated, both experiences were enriching to student learning, especially regarding development of sensitivities, analytical reasoning and critical sense of realities worked, with a higher students autonomy to create new ideas in the Brazilian case.*

*Keywords:* Conception. Participation. Design quality. Workshop.

## Introdução

Os workshops, ou oficinas de trabalhos temporários, têm sido cada vez mais frequentes no âmbito da Arquitetura e do Urbanismo (AU), notadamente nas universidades e escolas, como já constataram Hanrot (2012) e Lassance (2012)<sup>1</sup>. Algumas vezes, eles ocorrem atrelados ou em paralelo a eventos científicos ou mercadológicos, mas sua prática mais comum é no âmbito acadêmico, como forma de potencializar a participação de vários atores (professores, alunos, profissionais e representantes da sociedade) em torno de um trabalho específico (temático e/ou instrumental/metodológico). Neste contexto, o objetivo principal é eminentemente pedagógico e, assim sendo, o que está (ou deveria estar) em jogo é, antes de tudo, o aprendizado do estudante. Ineichen (2012) realizou uma caracterização de diversos tipos de workshops realizados na área de AU, na qual se evidencia relativa diversidade formal e temática. No entanto, percebem-se dois traços comuns a quase todos eles: o caráter intensivo, de curta duração (que pode variar de um até quinze dias), e o trabalho coletivo, feito em equipes<sup>2</sup>.

Do ponto de vista da pedagogia do projeto de Arquitetura e Urbanismo, interessa-nos saber em que medida estas oficinas contribuem positivamente para o aprendizado dos alunos, como se dá o processo de concepção de ideias (como definido por Boudon et al, 2000)<sup>3</sup> para o projeto neste tipo de situação específica de interação entre academia e meio socioprofissional, e qual o nível de qualidade dos processos e produtos gerados (VELOSO, 2013).

Este artigo apresenta reflexões sobre duas experiências internacionais de workshops de Arquitetura e Urbanismo, procurando identificar seus potenciais e limites para a concepção de ideias de futuros projetos. Tratam-se do EQUINOX – Atelier Internacional de Criação Urbana, realizado em São Luís, Maranhão (setembro/outubro, 2012), e o Workshop International d'architecture, urbanisme et paysage: Mer, Port, Ville – L'Estaque: un territoire habité, realizado em Marselha, em julho de 2013, dos quais participamos diretamente, no primeiro caso como um dos professores/orientadores pedagógicos, e como observadora/crítica externa no segundo. Estes workshops, com abordagens e métodos de trabalho distintos, têm em comum os objetivos essencialmente pedagógicos – são realizados com apoio formal de instituições de ensino e envolvem notadamente alunos de graduação e professores –, mas também propõem a participação de representantes do meio profissional (arquitetos, paisagistas, engenheiros) e social (comunidades envolvidas). Assemelham-se também pelo seu caráter intensivo (duas semanas seguidas de trabalhos em dois ou três turnos diários) e multicultural/nacional (participação de escolas de ao menos três países distintos).

A participação nos dois eventos está associada ao nosso projeto de produtividade em pesquisa junto ao CNPq e, no caso recente de Marselha, à pesquisa de pós-doutorado financiada pela CAPES<sup>4</sup>. Neles, procuramos identificar e analisar os objetos, objetivos e

1. HANROT, Stéphane (2012). O workshop: entre pedagogia e engajamento social. LASSANCE, Guilherme (2012). O workshop como plataforma para o ensino de projeto. Artigos apresentados em mesa redonda sobre workshops no II ENANPARQ, em Natal, setembro de 2012.

2. INEICHEN, Julien (2012). O workshop – tipificação de uma prática pedagógica mundializada. Artigo fruto de sua pesquisa de doutorado, desenvolvida sob nossa orientação em regime de cotutela com Stéphane Hanrot, da ENSA-Marseille, com a qual nossa IES tem convênio para realização desta e outras atividades de intercâmbio.

3. BOUDON, Philippe et al. Enseigner la conception architecturale: cours d'architectureologie. Paris: Éditions de la Villette, 2000.

4. Avaliação de projetos de arquitetura e urbanismo em contexto de integração entre academia e meio socioprofissional (Projeto PQ/CNPq); no caso do pós-doutorado, a pesquisa está voltada mais especificamente para a experiência dos workshops na França.

métodos empregados nas oficinas de projeto, as relações entre os atores, os potenciais para o desenvolvimento da concepção arquitetônica e urbana e a qualidade dos processos e produtos. Neste artigo, através de análise qualitativa dos materiais coletados por meio de entrevistas e observações in loco, focaremos a questão da concepção de ideias por parte dos alunos e o nível de participação dos atores envolvidos na tomada de decisões. Para tanto, faremos inicialmente uma breve discussão sobre a questão da concepção de ideias no projeto de AU. Em seguida, apresentaremos as características dos dois estudos de caso realizados, para poder proceder às análises e apresentar as principais conclusões da pesquisa.

## Sobre a concepção de ideias e o projeto de AU

Já há algum tempo, a concepção projetual tem sido objeto de estudos científicos com enfoques variados, ligados a diversos campos de conhecimento como a semiótica, a linguística, a psicologia e, mais recentemente, a neurobiologia, com a preocupação com a “genética do projeto”. Todos têm como foco central a identificação das origens ou fontes das ideias do(s) projetista(s), e sua evolução, especialmente do ponto de vista formal, mas também em nível de discurso. A abordagem proposta por Philippe Boudon e equipe (BOUDON et al, 2000), é uma das mais sérias e teoricamente embasadas. Eles procuram apreender a concepção projetual a partir de categorias intrinsecamente ligadas à arquitetura em seu sentido pleno (edifício e cidade), e que configuram o que chamam de arquiteturaologia, ou ciência da concepção arquitetônica. Ainda que a ela possam ser feitas algumas críticas e ressalvas, é, sem dúvidas, a mais “arquitetônica” das abordagens sobre a concepção projetual. Segundo esses autores, as noções que envolvem a concepção são, essencialmente, ideia, sistema, percepção, representação e discurso.

A ideia baseia-se tanto na percepção quanto no conhecimento que os projetistas têm sobre o objeto, frutos de sua bagagem cultural e experiência, bem como da análise das características do sítio, e de conhecimentos sobre aspectos técnicos, funcionais e de uso, entre outros. Todas estas informações são importantes, e algumas delas podem até ser coletadas por terceiros na fase de programação; porém, a tomada de decisões e as modalidades que influenciam a concepção são sempre do(s) projetista(s), com base em suas referências próprias. Na concepção, intervêm imagens (que eles chamam de “estimulantes”) impregnadas por vivências e referências diversas, individuais ou do grupo (no caso de propostas conjuntas). Algo bastante próximo da tríade lefebvriana na qual espaços vividos, percebidos e concebidos interagem mutuamente. Cabe observar a distinção que os autores fazem entre a ideia (no singular) e as ideias que os projetistas podem ter ao longo do processo de criação. A primeira é fruto de um trabalho intelectual, com base na experiência e no conhecimento, relacionando intelecto com uma produção material concreta. Nesta, reside o principal interesse da arquiteturaologia. Já as segundas remetem a um conceito mais artístico, podendo surgir a qualquer momento em qualquer “criador”, com base em suas inspirações, convicções e crenças.

Para análise dos processos de concepção em si, Boudon e equipe propõem um método centrado essencialmente nos conceitos de escala e modelo, inseridos em um sistema complexo, mas passível de compreensão por meio de categorias que visam explicitar o trabalho intelectual do arquiteto. Na concepção, uma ou mais escalas seriam os elementos de referência, que dão “medida” ao projeto, e o modelo é aquilo que é

reutilizado, reproduzido e medido no projeto. Eles propõem 20 escalas arquiteturo-lógicas possíveis de operacionalização no processo de concepção, que vão desde as mais conhecidas, como a escala humana, técnica, funcional, simbólico-formal, geográfica, até as mais complexas, como as escalas global, de representação e de diferentes níveis de concepção. Enfim, segundo esta abordagem, a concepção sempre se daria pela referência de modelos preexistentes e sua transformação através de uma ou mais operações de transformação, baseadas na noção de escala. Aspecto que reforça o que outros autores afirmam com outras palavras: não se concebe a partir de uma tábua rasa; a concepção se dá por processos de referências/associações, sendo, para tanto, fundamental o raciocínio analógico (Chupin, 2012). Vale destacar a importância dada pela arquitetura à autonomia dos projetistas no momento de tomada de decisões e da concepção da ideia (ou do conjunto de ideias) que irá fundamentar o projeto.

No que se refere à concepção por meio de trabalho coletivo em atelier, este foi um dos pilares da pedagogia da Bauhaus, e embora hoje não seja uma prática hegemônica nos ateliers de projeto de algumas escolas de arquitetura, ainda é muito praticada, sobretudo em projetos complexos e/ou em grande escala (territorial e urbana, notadamente). Porém, o mais comum é que os trabalhos neles desenvolvidos sejam orientados por professores/profissionais de uma mesma formação/abordagem (arquiteto, urbanista ou paisagista), sendo menos frequente a associação das diferentes visões em um mesmo atelier integrado de arquitetura, urbanismo e paisagismo. Valeria ressaltar que o projeto em equipe é muito frequente em escolas com grande número de alunos por turma e/ou na qual a relação aluno/professor é elevada. A concepção “a várias cabeças” coloca algumas questões sobre níveis de autonomia, colaboração e participação dos atores envolvidos, além de outras relativas à gestão de conflitos e à liderança entre pessoas de um mesmo grupo ou entre grupos. Nosso olhar sobre concepção no âmbito de workshops é aquele da arquitetura e também da teoria da educação no que se refere especificamente ao papel do instrutor e do instruído, ou seja, dos processos de concepção de ideias a partir de modelos e referências, e a relação entre professores/profissionais e alunos, notadamente quanto ao grau de autonomia dos segundos. Neste campo, Dewey, Freire, Vygotsky e Schön são nossas referências principais<sup>5</sup> no que se refere à ênfase ao aprendizado a partir de conhecimentos de problemas reais/concretos (problem based learning) e da reflexão na própria ação (no caso, o fazer projetual), cabendo ao(s) instrutor(es) mostrar os instrumentos e caminhos possíveis para a tomada de decisões por parte do(s) aprendiz(es).

Os workshops de AU são ateliers intensivos de criação de ideias, planos de ação e, em alguns casos, de projetos, nos quais a relação professor/aluno é modificada em relação ao atelier tradicional (em sala de aula), principalmente pela presença, às vezes perturbadora, de agentes externos à sua escola, colocando novas condições e perspectivas para a tomada de decisões, além da orientação feita pelos professores de projeto aos quais os estudantes estão habituados. Além disso, a presença de alunos de outras escolas e mesmo de outras culturas modifica as relações entre os grupos de estudantes, “quebrando” a hegemonia de algumas equipes habituadas a trabalhar em conjunto e inserindo alunos “menos integrados” em contato com estudantes de outros grupos com os quais normalmente eles não trabalhariam. Assim, nestas situações, algumas questões intervêm, tais como a necessidade de: i) gestão da diversidade entre alunos-pessoas que pouco se conhecem, e que têm diferentes formações,

5. DEWEY, John (1979). *Democracia e educação*. FREIRE, Paulo (2000) *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Vygotsky, K. (2011). *Construção do Pensamento e da Linguagem*. Schön, Donald (2000). *Educando o profissional reflexivo*.

experiências e percepções, donde a necessidade de diálogo e de negociação constantes; ii) gestão da orientação acadêmica/pedagógica, dada a participação/intervenção de professores com diferentes formações/visões. Quem é o orientador principal? A quem os alunos devem “ouvir”? Como tomar decisões de projeto neste contexto?; e iii) gestão do tempo curto para percepção/compreensão dos sítios de intervenção e dos problemas colocados e para a concepção de ideias que possam dar respostas a estes problemas, bem como do estresse/expectativas/frustrações/alegrias decorrentes desta tensão de natureza temporal. Enfim, como conceber diante destas situações? E que tipos de ensinamentos/aprendizados pode-se tirar destas experiências?

## O Equinox 2012 (São Luís) e o WS Estaque 2013 (Marseille)

A quarta versão do Atelier Internacional de Criação Urbana – EQUINOX foi realizada em São Luís do Maranhão, Brasil, entre os dias 24 de setembro e 05 de outubro de 2012. O doravante simplesmente denominado EQUINOX 2012 foi organizado por equipe de professores do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Estadual do Maranhão (CAU/UEMA) e contou com a participação de outras 04 escolas convidadas, sendo 03 internacionais – a Universidade Paris-Est Marne la Vallée da França (com 12 alunos e 3 professores do curso de Engenharia Urbana); a Universidade La Sapienza de Roma (com 15 alunos e 2 professores do curso de Paisagismo) e a Escola Nacional Superior de Arquitetura de Marselha/França (com 05 alunos e 01 professor do curso de Arquitetura) –, e uma nacional – a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com 21 alunos e 04 professores do 7º período do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Da UEMA, participaram 57 alunos e 8 professores, além de 12 observadores e 12 monitores. No total, foram 110 estudantes participantes e 18 professores integrantes da comissão pedagógica. Os alunos foram divididos em 11 equipes, sendo que a metade de cada uma delas foi formada por estudantes da UEMA, por exigência da instituição.

As equipes trabalharam em três sítios estratégicos da cidade de São Luís, que têm como elemento comum a bacia do Rio Anil: i) o Centro Histórico de São Luís, tombado pela UNESCO, e considerado de caráter estratégico para a cidade, tanto pelos seus atributos históricos e socioculturais, quanto pela sua relação na composição da paisagem cultural relacionada ao Rio Anil (04 equipes); ii) o bairro da Liberdade, um território vizinho ao centro da cidade, historicamente ocupado por descendentes de escravos, e que atualmente está sendo submetido a uma série de investimentos em habitação social e infraestruturas urbanas (03 equipes); e iii) o bairro Vinhais Velho e seu entorno, também detentor de valor histórico notadamente pela presença de uma antiga aldeia Tupinambá (Eussaup) ocupada há mais de 400 anos, e que se encontrava, na época do evento, ameaçada pela construção de uma via expressa que vai desabrigar os atuais habitantes e impactar enormemente o meio ambiente da bacia do Rio Anil (04 equipes).

Segundo a organização do EQUINOX 2012, o objetivo do workshop foi:



***Elaborar projeto (grifo nosso) para os três sítios da cidade de São Luís, com estudantes brasileiros, franceses e italianos das cinco universidades envolvidas, (...) e com isto favorecer o intercâmbio de métodos de diagnósticos urbanos integrados e de procedimentos projetuais aplicados à criação em projetos urbanos estratégicos de longo prazo***<sup>6</sup>.

O formato proposto incluiu atividades em três turnos, praticamente em todos os dias de suas duas semanas de duração, sendo os turnos matutinos e vespertinos dedicados às visitas aos sítios e aos trabalhos nos ateliers da UEMA, e o turno da noite a palestras de convidados, mesas redondas de discussões temáticas e apresentações dos produtos parciais e finais. O percurso metodológico foi constituído de diferentes procedimentos que podem ser resumidos nas seguintes etapas, não necessariamente lineares: contato com dados, mapas e imagens dos sítios, material previamente fornecido pela equipe da UEMA através de página eletrônica compartilhada na internet (etapa pré-workshop); contato direto com as áreas de intervenção (percepção do sítio) e seus habitantes; problematização/diagnóstico; formulação de conceitos abstratos; busca de referências para a intervenção; desenvolvimento das ideias; proposta de master plan a nível de estudo preliminar, acompanhada de alguns detalhamentos esquemáticos, apresentados com recursos informacionais e midiáticos no auditório da UEMA, no último dia do evento. Os professores, divididos na supervisão das equipes segundo as três áreas de estudo, reuniam-se diariamente para avaliar os trabalhos realizados e (re)programar os passos seguintes, sendo a programação e os procedimentos abertos a constantes atualizações/adequações.

O Workshop International d'architecture, urbanisme et paysage – Mer, Port, Ville – L'estaque, un territoire habité, doravante chamado simplesmente de WS Estaque 2013 – foi coorganizado pela École Nationale Supérieure d'Architecture de Marseille (ENSA-M), pelo Institut d'Urbanisme et d'Aménagement Régional (UAR-Aix en Provence) e pela École Nationale Supérieure de Paysage (ENSP-Marseille), com a participação da organização não governamental denominada COLLECTIF Etc. na primeira das duas semanas dos trabalhos, que se iniciaram em 30 de junho e se prolongaram até 13 julho de 2013. Este foi um dos três workshops realizados em paralelo no campus da ENSA-M neste verão europeu, reunindo em seu conjunto mais de 150 estudantes e professores de diversas escolas, além de profissionais experts nas três áreas de formação – arquitetura, urbanismo e paisagismo – as quais, no contexto francês, são feitas separadamente em escolas específicas a cada uma delas.

O WS que analisamos está voltado para o bairro da Estaque, situado no litoral norte de Marselha, um belo cenário composto de várias paisagens naturais e construídas que incluem o mar mediterrâneo e um conjunto de colinas chamado “la Nerthe”, outrora retratados por pintores famosos como Cézanne e Braque. Ali, encontram-se também o porto industrial da região (em pleno funcionamento) e um conjunto de antigas indústrias de exploração de minerais e olarias (nas quais eram produzidas as conhecidas telhas francesas), conjunto hoje desativado e em processo de despoluição ambiental. O WS Estaque 2013 reuniu 30 estudantes (distribuídos em 10 equipes mistas de 3 alunos – um de cada formação diferente) e diversos professores de 8 escolas, sendo 4 francesas (as 3 coorganizadoras mais a escola do Génie Urbain de Marne la Vallée), uma italiana (La Sapienza-Roma) e duas brasileiras, a UEMA e a UFRN. A presença de professores e alunos destas quatro últimas IES em Marseille já constitui um desdobramento da experiência do EQUINOX de São Luís.

6. EQUINOX 2012. *Atelier Internacional de Criação Urbana. Material de Divulgação*. São Luís: CAU/UEMA, 2012

Segundo a coordenação pedagógica do evento:

*Ce workshop ambitionne d'aborder la question du projet urbain et territorial selon un mode différent de ce qui se pratique habituellement, à savoir un projet élaboré par référence à des modèles urbains bien formés, porté par une puissance publique, soumis à la concertation, amendé puis réalisé. Ce que l'on peut appeler une démarche top-down. Nous voulons tester une démarche inverse, bottom-up, qui partirait d'une connaissance du terrain par des interventions concrètes sur l'espace public avec le public. A l'occasion de ces actions, nous souhaitons faire remonter des thématiques qui intéressent la population résidente et les acteurs associatifs et institutionnels. Puis, prenant un peu de recul, il s'agirait de rendre convergentes les différentes thématiques dans une sorte de plan-guide qui, sans se présenter comme un projet ficelé, serait un support au débat public et citoyen<sup>7</sup>.*

Esta inversão proposta para o processo projetual (dita bottom-up) também afetaria os profissionais convidados a participar do workshop, em geral habituados a práticas do tipo oposto (top-down).<sup>8</sup>

O formato proposto para este workshop foi bem interessante na medida em que, na primeira semana, hospedou os estudantes literalmente sobre o terreno de intervenção (em um camping à beira mar no bairro da Estaque), o que fez, segundo a organização, com que eles se sentissem um pouco “habitantes do lugar”. A partir dos resultados de estudos previamente realizados na área, foram definidos três sítios para intervenção (o entorno da estação ferroviária, uma pequena praça abandonada de nome Malot e o antigo “caminho das usinas”), nos quais os estudantes fizeram com “as próprias mãos” pequenas intervenções (inserção de mobiliário urbano, sinalização e recuperação de uma escada), concebidas lá mesmo nos lugares. No fim de semana após os exaustivos trabalhos in situ, houve uma discussão sobre possíveis temáticas para os projetos urbano e territorial no bairro, o que contou com a participação de representantes da comunidade e profissionais convidados. Na segunda semana, estas temáticas foram desenvolvidas pelos grupos nos ateliers de projeto na ENSA-M, e através de um processo de convergência sucessiva, as diversas propostas dos 10 grupos constituíram, no final, um único plano máster para todo o bairro, apresentado para o público sob a forma de uma grande maquete no último dia do evento, numa área aberta na Estaque.

## A concepção no âmbito dos dois workshops: uma análise comparada

Como dissemos anteriormente, a abordagem arquitetural considera a concepção uma transformação de modelos preexistentes que são tomados como referência e adequados às condições do novo problema/objeto, a partir de seu enquadramento em uma ou mais escalas (semântica, humana, simbólico-formal, geográfica, etc.), seja de maneira particular ou global, até gerarem um novo modelo. Quando um modelo

7. Workshop International d'architecture, urbanisme et paysage – Mer, Port, Ville – L'estaque, un territoire habité. Programme Pédagogique. Marseille: ENSA-M/UAR/ENSP/COLLECTIF ETC, 2013.

8. No entanto, esta prática proposta no WS da Estaque não é tão nova assim na área de AU. Processos de planejamento e projeto do tipo indutivo, “de baixo para cima”, quer dizer, que partem do particular, do micro, e vão ampliando progressivamente até fazer uma síntese em uma escala mais global ou macro, já levaram a resultados concretos positivos em experiências de aproximação real entre poder público, academia e sociedade, realizadas em diversos países.

tomado como referência inicial (substrato) é igual ao modelo proposto (teleológico), não há concepção; seria o caso de cópia ou plágio. A escala semântica, por exemplo, é determinante na concepção quando uma palavra ou conceito central é definidor do partido adotado. O mesmo é válido para uma forma previamente adotada – um cubo, por exemplo, e assim por diante, conforme os valores considerados e as prioridades atribuídas pelo(s) projetista(s). Ainda segundo esta abordagem, embora diferentes atores possam interagir no processo de concepção, a ideia fundamental do projeto é sempre do(s) projetista(s). Tomando este referencial teórico como nosso “modelo” ou ponto de apoio inicial, procederemos agora à análise comparada dos processos de concepção nos dois workshops aqui analisados.

Antes de tudo, deve registrar-se como ponto comum a ambos os casos a necessária definição prévia das áreas a serem trabalhadas, bem como a realização de levantamentos e diagnósticos na fase de programação pré-workshop, dados que são repassados aos alunos logo no início ou mesmo antes, o que permite que eles passem diretamente às etapas de percepção do sítio e da problemática local. Ou seja, existe um trabalho intenso e fundamental na fase pré-workshop sem o qual os trabalhos da atividade final propriamente dita não seriam possíveis em tão curto espaço de tempo. Esses levantamentos foram feitos por alunos de disciplinas de graduação das duas escolas onde se realizaram as atividades (UEMA e ENSA-M respectiva), sob a orientação dos professores integrantes da comissão organizadora ou coordenação pedagógica. No caso marselhês, por exemplo, o bairro da Estaque foi trabalhado durante dois anos no atelier de projeto e em trabalhos de conclusão de curso (Master 2), orientados pelo Prof. Stéphane Hanrot, que disponibilizou todo esse material para os participantes do workshop.

Também em ambos os casos, após explicações iniciais sobre a finalidade das respectivas oficinas, as visitas aos sítios foram pouco guiadas, deixando os alunos mais à vontade para suas primeiras impressões e percepções. E por aí param as semelhanças quanto a procedimentos. No caso do EQUINOX 2012, a consulta à comunidade foi feita de modo mais informal pelos estudantes (conversas durante o walk through ou depoimentos de alunos da UEMA residentes nos bairros) e, no caso do Estaque/Marseille 2013, embora também tenha havido conversas informais com moradores, a consulta foi mais formalizada, feita de maneira prévia por alunos de Master e pelo Dispositif Etc. que deram apoio ao workshop na fase de programação e ao longo de suas semanas de realização. Essa consulta foi feita mais no sentido de identificar problemas/necessidades e possíveis prioridades de intervenção, não tendo sido observada esta participação na tomada de decisões e concepção das ideias dos planos propostos ou na fabricação de objetos urbanos, no caso da primeira semana na Estaque. Neste último caso, esperava-se que essa participação fosse mais expressiva nestas fases iniciais, dada a metodologia proposta (bottom-up). No entanto, deve-se ressaltar a participação de representantes da comunidade estaquiense na apresentação e discussão dos produtos das duas semanas de trabalhos, o que não houve no caso do EQUINOX 2012.

A participação de profissionais externos às escolas envolvidas também se deu de forma diferente nos dois casos estudados. No EQUINOX, a participação destes agentes externos foi exclusivamente nas palestras e mesas redondas temáticas realizadas à noite, não havendo praticamente nenhuma interferência direta destes agentes nos trabalhos de atelier. Já no caso de Estaque/Marseille os profissionais convidados tiveram participação mais direta na crítica às propostas dos alunos, mas também não frequentaram os ateliers nos momentos de tomada de decisão e concepção de ideias. Deve-se, no entanto, ressaltar a importância dessas palestras e mesas redondas para a reflexão geral das áreas ou temáticas trabalhadas (mobilidade urbana, acessibilidade,

preservação da paisagem natural, da memória do lugar, conforme o caso). Algumas delas serviram como referência teórica e empírica para os trabalhos de atelier, como nos afirmaram alguns alunos. As críticas feitas durante as apresentações parciais (neste caso tanto de profissionais como de professores) contribuíram para a melhoria das propostas, mas ficaram, em ambos os casos, evidentes as diferentes percepções e abordagens, conforme a área de atuação do crítico. Cada um “puxa a brasa para a sua sardinha, e nós ficamos no meio desse fogaréu”, nos disse um aluno em São Luís. Apesar das inseguranças quanto às críticas, no final, ficou clara, para a maioria dos alunos, que elas são importantes e enriquecem o aprendizado, cabendo a eles tirar proveito desses momentos de apresentação pública para avançar no seu processo de amadurecimento projetual.

Quanto à orientação pedagógica no âmbito dos ateliers, sejam os realizados em campo ou nas salas das escolas, houve também diferenças significativas entre os dois eventos, sobretudo no que diz respeito à condução dos processos. O EQUINOX, embora realizado pela UEMA, permitiu a participação dos professores convidados das demais escolas também na orientação dos trabalhos de atelier, uma vez que havia alunos de suas instituições dele participando. Isso fez com os alunos de um país tivessem contato mais direto com a abordagem de professores de outros países e, embora tenha havido problemas de compreensão devido às barreiras linguísticas (o inglês era a língua mais utilizada, mas nem todos a dominavam), foi considerada uma experiência enriquecedora na avaliação feita tanto por alunos como pelos professores envolvidos, que se sentiram à vontade para circular nas salas e áreas de trabalho. Como assinamos, o EQUINOX tem uma proposta metodológica mais aberta, podendo ser revista pela comissão pedagógica com representantes de todas as escolas envolvidas. Já no caso do workshop Estaque/Marseille a orientação dos trabalhos de atelier foi restrita aos professores das três escolas organizadoras do evento, que propunham uma metodologia a ser seguida de forma mais estrita, ficando os convidados das demais escolas na função de observadores externos e críticos dos trabalhos no momento das apresentações. Estes últimos também foram convidados a expressar seus comentários no blog do workshop. No WS Marseille 2013, exigiu-se dos participantes o conhecimento da língua francesa.

O processo de concepção durante o EQUINOX 2012 começou logo nos primeiros dias quando, após visita aos sítios, foi solicitado a cada equipe que fosse elaborado um conceito abstrato sobre o lugar de intervenção, o qual viria a ser a palavra-chave para o projeto. Pediu-se também que a esse conceito fosse associada uma imagem. Os alunos da UEMA e de Marne la Vallée já estavam habituados a este tipo de exercício de abstração, mas os demais nem tanto; assim, os líderes dos grupos passam a ser, naquele momento, os mais habituados aos lugares ou ao exercício conceitual solicitado. A palestra da primeira noite do professor francês Serge Berthelot deixou claro o percurso metodológico sugerido: partir de um conceito imaterial do projeto para depois chegar progressivamente à sua materialidade, por meio de exercícios analógicos. Após algumas tensões nos grupos, os produtos mostrados na primeira apresentação coletiva, no meio da primeira semana, mostraram-se bastante interessantes. São exemplos de conceitos formulados pelos alunos em São Luís: Partitura e Chapéu de Fita para o centro histórico; Mãos e Cubo dos Desejos para o bairro da Liberdade; Camaleão e Aquarela para os Vinhais. Vale salientar que a interferência dos professores foi pequena na formulação dos conceitos, sendo mais expressiva no momento da apresentação coletiva dos grupos.

A nosso ver, procedimento oposto verificou-se no processo de concepção em Marseille: o ponto de partida foi a materialidade concreta dos próprios sítios, nenhum con-

ceito abstrato ou referência imagética foram trabalhados. Além disso, nos trabalhos de aproximação com o terreno, através da fabricação de pequenos objetos (bancos de praças, murais, etc.), os tipos de equipamentos e materiais a serem utilizados na execução já haviam, de certa forma, sido pré-definidos pela equipe do Collectif Etc. que se encarregou da organização da experiência de campo na primeira semana do evento. Em cada sítio, havia um responsável técnico desta entidade, formada essencialmente por jovens arquitetos, que supervisionava e orientava os trabalhos dos alunos em campo. Os professores das escolas francesas passavam para ver o andamento dos trabalhos, mas, a nosso ver, a orientação principal nesta semana foi do grupo Etc. que tem sua metodologia própria de trabalho, bastante empirista e atrelada às bases materiais do projeto. No nosso entendimento, houve discussão nos grupos, mas com pouca participação da população e forte influência dos técnicos do Etc. na tomada de decisões. A abordagem empirista/pragmática também foi nitidamente dominante nas mesas redondas realizadas no turno da noite, o que evidencia uma orientação clara de direção dos trabalhos neste sentido.

No EQUINOX 2012, uma vez formulados os conceitos, passou-se à definição do programa e das referências para as propostas (ou analogias, como várias vezes foram chamadas). Este último recurso de apoio à concepção também não foi observado no workshop de Marseille. Quanto ao programa, no caso marseilhês, pode-se dizer que houve mais uma definição de temáticas e áreas estratégicas para intervenção a nível macro (transportes coletivos, áreas de lazer, interligação entre pontos estratégicos) do que um programa urbanístico propriamente dito. Essa discussão temática foi muito acirrada e teve a participação de experts (urbanistas, paisagista) o que deixou os alunos um pouco assustados no início. Conflitos tiveram que ser solucionados ao longo da segunda semana pelos professores orientadores das escolas organizadoras, que acabaram por dar um “rumo final” aos trabalhos, numa postura nitidamente mais diretiva se comparada à da maioria dos professores orientadores do EQUINOX.

Só no início da segunda semana dos dois eventos é que de fato começam os primeiros esboços de intervenção nas áreas por meio de desenhos, croquis e, no caso específico da ENSA-M, de um grande plano-guia feito sobre uma gigantesca imagem aérea impressa em uma lona colocada sobre o chão [Figura 1], e sobre a qual se podia pisar sem sapatos. Uma visão um tanto “top-down” da área, pode-se dizer. Já no EQUINOX, embora tenha havido croquis na concepção inicial dos grupos, foram muito utiliza-

Figura 1

Workshop de Marselha/Estaque, 2013. Vista aérea do Bairro da Estaque, impressa em lona e exposta sobre o chão para auxílio à concepção das propostas.

Fonte: autora



dos os recursos informacionais aos quais os alunos estão mais habituados (AutoCAD, Sketchup e Power Point para as apresentações em projetor multimídia) [Figura 2]. Vale ressaltar que, em Marseille, além da grande maquete coletiva construída em papelão sobre a imagem aérea de base, os produtos finais também foram apresentados em banners com um pequeno texto resumido, feitos nos dois últimos dias do evento.

No caso de São Luís, a transposição da escala semântica (conceito) e formal de referência (por meio de analogia) para o partido da proposta urbana foi muito difícil para alguns grupos; em outros, essa associação foi mais evidente. Em todo caso, apesar das dificuldades enfrentadas para passar do abstrato ao concreto, deve-se ressaltar que houve neste caso muito mais autonomia dos alunos para a tomada de decisões (o que se evidenciou nas próprias discussões internas nos grupos, às vezes acaloradas), enquanto que nos grupos de Marseille houve muito menos tensão e mais concertação e direção por parte dos orientadores. Isso só não foi possível quando da presença dos críticos externos, mais livres para questionar alguns aspectos das propostas.

Figura 2

Equinox 2012, São Luís.  
 Apresentação do conceito da proposta Equipe “Mãos”

Fonte: disponível em <http://atelierequinox.wordpress.com/>



## Considerações Finais

Assim sendo, a nossa avaliação é que, se por um lado os alunos do workshop de São Luís tiveram um processo metodológico mais “tradicional” ou “acadêmico” – visitas a campo, conceitos, referências analógicas, partido e master plan global com alguns poucos detalhamentos, eles tiveram, por outro lado, mais autonomia na hora de conceber suas propostas. No entanto, houve menos contato direto com o terreno e com a população das áreas, como ocorreu no caso do workshop de Marseille, no qual os detalhes foram mais trabalhados. Neste último caso, talvez pelo formato escolhido para a apresentação final, foi prejudicada a visualização das articulações das propostas específicas num plano global, mais sistêmico. Se existiram, não foram claramente expressas nos produtos apresentados. E o pouco tempo dedicado para a preparação da apresentação final deve também, com certeza, ter contribuído para isso. Em nenhum dos dois casos, foram privilegiadas pelos grupos questões econômicas (custos das propostas); a questão do emprego e renda, problema central na maioria das áreas trabalhadas, foi também pouco comentada por um ou outro grupo. Alguns críticos comentaram a inviabilidade econômica de algumas ações propostas, mas sobretudo no caso do Equinox, as “asas da imaginação” estavam deliberadamente “livres para voar”.

O que não era o caso da proposta WS Estaque, no qual a questão econômica deveria estar nas bases das decisões de planejamento e projeto. A ênfase nos transportes/mobilidade urbana e na integração de áreas dispersas ou fragmentadas foi dominante em ambos os casos, refletindo uma tendência/preocupação mundial nos dias de hoje.

Relançando o olhar arquitetural sobre as duas experiências de concepção, pode-se dizer que no EQUINOX a ênfase dada foi à criação de ideias abstratas, para depois se alcançar progressivamente a materialidade do projeto, enquanto que o WS Estaque 2013 seguiu o caminho oposto em termos de ponto de partida. Se no EQUINOX 2012 foram as escalas semântica (conceito abstrato) e formal simbólica (analogias formais relacionadas aos conceitos) as que mais intervieram no processo de concepção, no WS Estaque/Marseille dominaram claramente as escalas técnicas (materialidade construtiva) e funcional (usos e funções urbanas), com pouca ênfase nos conceitos e nas referências indiretas por meio de recursos analógicos. Estas últimas, se existiram, deveriam ser buscadas sobretudo nos próprios sítios.

Quanto a um suposto processo top-down que seria mais próprio ao EQUINOX e ao seu oposto (o projeto bottom-up) claramente assumido pelo workshop das escolas de Marseille, seria precipitado aqui concluir pela pertinência da atribuição plena destes rótulos a cada um dos processos. Primeiro porque, do ponto de vista pedagógico, estes processos de concepção de ideias (e não de projetos) se deram sob forte influência do ambiente acadêmico (ainda que os trabalhos tenham sido em parte fisicamente fora dele), ambiente em que ainda prevalece a influência dos professores e em que os aprendizes ainda não se sentem com autonomia plena para tomar suas próprias decisões, o que não deixa uma relação top-down, em relação ao aprendizado. Segundo porque, no resultado final do workshop marseelhês, não ficou muito clara a transposição do particular para o geral, do micro para o macro. O que não é nada fácil quando se trabalha, em tão pouco tempo, uma área extensa e complexa, e a muitas mãos e cabeças. O tempo é, a nosso ver, um aspecto que interfere bastante na natureza do processo e, em alguns casos, na qualidade dos produtos de um workshop, sobretudo se considerarmos que a concepção de ideias requer tempo e, às vezes, um distanciamento necessário que as atividades intensas e muito próximas neste tipo de evento não permitem.

Por fim, cabe destacar que os percursos metodológicos distintos não implicaram em produtos de qualidade melhor ou pior, mas simplesmente diferentes. E como para o aprendizado dos alunos são mais importantes os processos (a troca de experiências, o contato com as realidades trabalhadas, o desenvolvimento de sensibilidades, do raciocínio lógico e do senso crítico) do que os produtos propriamente ditos, todos os estudantes (e também professores) que participaram de um ou outro evento saíram “ganhando” com a experiência e, acreditem, felizes, haja vista o clima reinante nas apresentações finais e também nas festas de encerramento. Um sentimento de “missão cumprida” e de que, no final, o esforço conjunto prevaleceu. Como dizem os franceses, *tout est bien quand finit bien!*

## Agradecimentos

Ao CNPq pelo financiamento da pesquisa de produtividade sobre qualidade do projeto e à CAPES pelo financiamento da pesquisa de pós-doutorado que foca experiências de interação academia/sociedade

## Referências

- BOUDON, Philippe et al. **Enseigner la conception architecturale: cours d'architecturologie**. Paris: Editions de la Villette, 2000.
- CHUPIN, Jean-Pierre. **Analogie et théorie en architecture: De la vie, de la ville et de la conception, même**. Gollion: Infolio Éditions. Collection Projet & Théorie, 2013.
- DEWEY, John. **Democracia e educação**. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- EQUINOX 2012. **Atelier Internacional de Criação Urbana**. Material de Divulgação. São Luis: CAU/UEMA, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.
- HANROT, Stéphane. O workshop: entre pedagogia e engajamento social. In. **II ENANPARQ – II Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Anais**. Natal. v.1, sp., set 2012.
- INEICHEN, Julien. O workshop – tipificação de uma prática pedagógica mundializada. In. **II ENANPARQ – II Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Anais**. Natal. v.1, sp., set 2012.
- LASSANCE, Guilherme. O workshop como plataforma para o ensino de projeto. In. **II ENANPARQ – II Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Anais**. Natal. v.1, sp., set 2012.
- SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- VYGOTSKY, Lev. **Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- VELOSO, Maísa. **Avaliação da qualidade do projeto em contexto de integração entre academia e meio socioprofissional: uma análise da experiência de workshops**. Natal/Brasília: UFRN/CAPES, 2013, 21p. [Projeto de Pesquisa]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Natal/Brasília, 2013.